

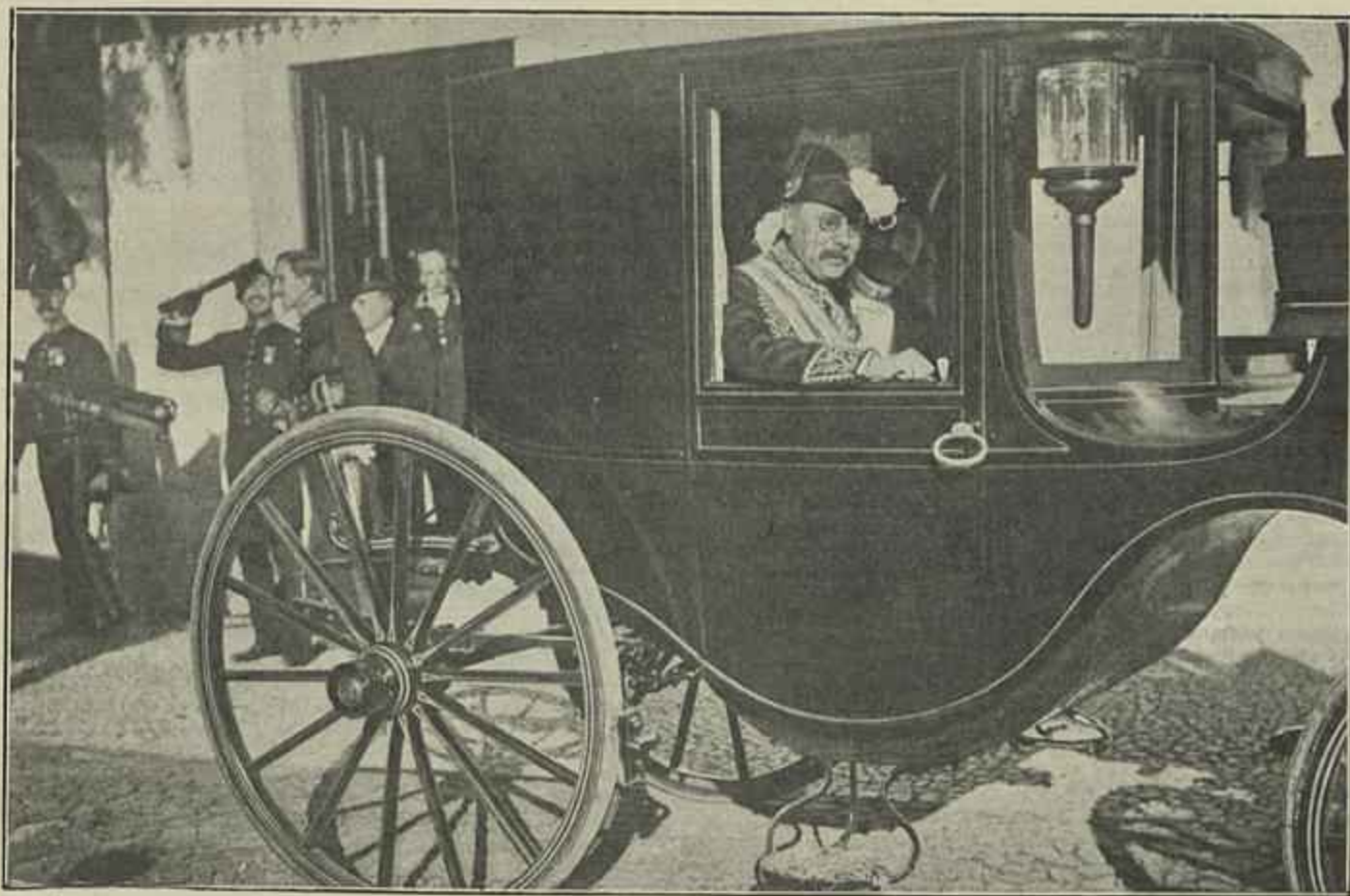
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1183	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$500	1\$900	630	120	10 de Novembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Entrega de Credenciaes



«SIR» ARTUR HARDING NOVO MINISTRO DE INGLATERRA EM LISBOA, RETIRANDO DO PALACIO DE BELEM

(Cliché A. Lima)

CHRONICA OCCIDENTAL

Quanto haveria que dizer se a chronica enveredasse pelos caminhos tortuosos da politica, entrando na apreciação dos ultimos acontecimentos, que tem deixado muita gente boquiaberta, senão profundamente desconsolada, numa grande descrença das coisas e dos homens.

Não, não entraremos nesses meandros da politica, porque demais estará o leitor sufficiente-mente a par daquelles acontecimentos, pela leitura dos jornaes politicos, caso seja apreciador dessas leituras e tenha a fleuma necessaria para depois de os lér não os mandar a todos para o diabo.

Deixal-os lá nas suas contendas dissolventes, substituindo os principios pelos idolos, que ora apciam ora exaltam, com um fanatismo abaixo de todo o senso commum ou vulgar criterio, fazendo desses idolos tudo e dos principios nada.

Deixar correr o marphim, como se diz na *Lagarticha*, e a chronica envereda por outros as-

sumptos, mais de molde á indole desta revista, preferindo as questões de arte.

Oh! a Arte, ainda é um refugio para os espiritos que pairam um pouco acima desta atmospher de doestos politicos por onde esfusiam tanto os foguetes das manifestações festivas, como as pragas dos adversarios do sr. dr. Affonso Costa ou do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

Essa atmospher é carregada, quasi irrespiravel; fugir d'ella é hygienico, é saudavel, avigora mais o espirito e o corpo para o trabalho util, racional, progressivo, que alimenta as sociedades, que as moralisa e engrandece. O trabalho sim, que é a maior virtude do homem, fazendo-o resistir a todas as contrariedades da vida, e lhe dá a coragem de arrostar com a propria miseria, para mesmo no seio d'ella trabalhar a despeito dos magros salarios que aaura.

A chronica prefere a Arte, disse, e, principalmente, neste momento em que mais a interessa uma exposição agora aberta ao publico, no atelier de Roque Gameiro, da rua de D. Pedro V, n.º 30.

E' a exposição de uma familia de artistas, que tem seu ninho na Amadora, um arrabalde de

Lisboa, muito pitoresco e lavado d'ares, e o ninho lá alcandorado nas alturas, como em carvalho glorioso.

D'ali essa familia vê todos os dias nascer o sol, espectáculo que não é dado gosar a uma grande parte dos lisboetas que dorme a manhã na cama, entre os lençoes onde se acolhe, muitas vezes, quando Phebo se levanta.

O nascer do sol não é indifferente ao artista, porque é aquelle o mais fascinador espectáculo da natureza, vindo como que acordar a vida de toda ella, desperta-a das sombras da noite para a alacridade do dia, revigorando-lhe as forças.

Pois naquelle ninho de artistas, a arte tem o supremo culto, no grande amor que ali se dedica á natureza, compreendendo-lhe todas as suas bellezas, prescrutando-lhe todos os segredos, num estudo tão amoravel como intelligente, que se observa nas obras ali produzidas.

Roque Gameiro é o mestre da sua escola de aguarella; seus filhos os discipulos onde se reflecte o talento do pae e, enquanto tantos rapazes por esta boa terra, gastam a juventude em se adornarem com supostas cartas de exames que os habilitem a mendigar um emprego publico e im-

productivo, o mestre Gameiro vai iniciando seus filhos nos segredos da arte, habilitando-os a serem uns artistas uteis e uns cidadãos necessarios á sua patria.

A exposiçãõ a que a chronica se está referindo é a demonstração pratica de um bem orientado ensino, educativo ao mesmo tempo, pelo raro exemplo de trabalho real e positivo conducente a um fim definido.

De todas as verbas consignadas no orçamento do Estado a mais irrisoria é a destinada á instrucção publica, todos sabem isto, infelizmente; entretanto a exigua verba destinada ao estudo das artes, tem sido inquestionavelmente a mais productiva. Dil-o a pleiade de artistas portuguezes que não envergonham a sua patria, e que antes de serem consagrados no seu paiz, o são lá fóra, onde muitos tem ido estudar e se tem distinguido superiormente ao lado de seus condiscipulos das primeiras escolas da França e da Italia, esses dois grandes paizes da arte.

A disposiçãõ da nossa raça para o cultivo das artes, accentua-se na vivacidade do seu espirito, pela facilidade de assimilação e sua pronunciada tendencia poetica, pois não ha arte sem poesia.

Roque Gameiro é artista e poeta, como não poderia deixar de ser, para falar com a natureza e a comprehendê-la. Para profundar o caracter da vida portugueza de todos os tempos, do passado e do presente, reconstituindo os usos de então, como os de hoje, e fazendo-os viver nas suas incomparaveis aguarellas, que ora são pedaços da natureza com todos os seus fulgores, ora os tipos caracteristicos portuguezes com os seus traços regionaes, quaes delles os mais pitorescos, ora a vida patriarchal de tempos idos em estudadas e conscienciosas composições.

De tudo se pôde vêr e admirar na exposiçãõ de Roque Gameiro e de seus filhos.

O mestre insinuante, educativo, vai-se revendo na sua obra, sem a preocupação de que os discipulos lhe saiam superiores, e antes pelo contrario, desejando que assim succedesse para sua maior satisfação e gloria, como é natural num paiz e numa alma bem formada.

E sua filha Rachel segue-lhe as pisadas. E' vêr a escolha dos assumptos que se propõe tratar e a correccão com que os executa, no difficilimo genero da arte, como é a aguarella.

Outra filha de Gameiro, Helena, cuida tanto das suas flôres na terra como no cartão da aguarella. Tem-lhe muito amor; vive com ellas, aspira-lhe o perfume e fixa na retina o brilho das suas côres. Deste modo, tanto faz vê-las no jardim como no cartão onde o seu pincel as reproduz e em que vivem por mais longo tempo.

Seu filho, Manuel, espraia-se pela paisagem, como a que lhe merece as suas atenções de observador, porque é ella tambem a que offerece mais variedade de pontos de vista, maiores impressões ao artista, ora quando o sol irradia com todo o esplendor da sua luz, ora quando desce para o occaso com toda a melancolia das horas tristes da tarde.

Que consolação vêr todas estas obras producto de um trabalho intelligente e util, que honra tanto quem o produz, como a nacionalidade a que pertence, pois que pelo brilho das suas artes se avalia o grau de civilisação de um povo.

As obras d'arte são as que vivem atravez de seculos, no marmore, na tella, nos poemas, eternizando a memoria de um povo.

Digam agora se Roque Gameiro não será um patriota a valer, hoje em que tanto se evoca o patriotismo e que elle parece estar tão surdo!

JOÃO PRUDENCIO.

Sir Artur Harding

Novo ministro de Inglaterra em Lisboa

Entrega de credenciaes

O novo ministro da Gran-Bretanha e Irlanda, em Lisboa, sir Artur Harding, é um dos diplomatas mais antigos e tambem mais cotados do seu paiz, tendo principiado cedo sua carreira diplomatica.

Nascido a 12 de outubro de 1859, aos vinte annos de idade alcançava, na Universidade de Oxford, o bacharelato em letras, e, em 1880, entrava ao serviço do ministerio dos estrangeiros, sendo nomeado, em 1883, terceiro secretario da legação inglesa, em Madrid.

Em janeiro de 1886, depois de ter sido secretario de Salisbury, partia para S. Petersburgo onde esteve até fins de 1888, data a que partiu para Constantinopla, como encarregado de negocios, seguindo dois annos depois para Bucarest.

Durante a viagem que o principe herdeiro da Russia fez aos Andes, nos annos de 1890 e 1891, acompanhou-o. Em fevereiro de 1891, era nomeado encarregado da agencia e consulado do Cairo, partindo em 1893, na mesma qualidade, para junto do Sultão de Zanzibar.

Em 1894 foi nomeado consul geral na Africa oriental alemã e, em 1895, commissario na Africa oriental inglesa. Em 1902, quando ministro na Persia, acompanhou o *Shah* na sua visita a Inglaterra e, em 1903, o vice-rei da India numa excursão pelo golfo Persico. Tres annos depois, tomava parte na conferencia do trafico d'armas e, em 1910, era nomeado plenipotenciario britânico na conferencia de Bruxelas sobre fronteiras entre a Uganda (Africa oriental alemã) e o Congo, para no anno seguinte representar o governo britânico nas exposições de Roma e Turim.

Companheiro de lord Du Bain, em janeiro de 1895, recebeu a medalha militar por serviços prestados na insurreiçãõ arabe da Africa Oriental e, em 1896, nova medalha por serviços prestados na insurreiçãõ militar. Gran-cruz de S. Miguel e S. Jorge em junho de 1897. Foi enviado, em 1900, como ministro plenipotenciario, á corte do Shah da Persia, sendo agraciado dahi a algum tempo com o grau de cavaleiro da ordem Do Banho.

Sir Artur Harding vem ocupar o logar vago pela retirada de sir Francis Hady Williers e cujas funções tem estado a cargo do secretario da legação mr. Hug Gaisford.

O novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. Britanica, foi recebido, com todas as formalidades do protocolo, no palacio de Belem, em 30 do mez findo, onde apresentou ao Presidente da Republica, as credenciaes do seu governo que o acreditam junto do governo portuguez.

Trocados os cumprimentos do estilo, sir Harding leu o seguinte discurso:

«Sr. Presidente. — Tendo-se o rei e Imperador, meu Augusto Amo, dignado nomear-me seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Lisboa, cabe-me a honra de apresentar a V. Ex.^a a carta pela qual S. M. me acredita junto do governo da Republica Portugueza.

Não me é necessario insistir nesta conjuntura, sobre os laços intimos e numerosos que ligam, uma á outra, as nossas duas nações amigas e aliadas. Esta comunidade de interesses e de sympathias liga-se de resto a paginas já longinquas da historia que perpetuam a sua memoria através dos seculos. Queira V. Ex.^a comtudo, permitir-me juntar a essas recordações nacionaes uma outra, de caracter inteiramente pessoal. Hoje ministro do Reino Unido em Lisboa, tive noutro tempo a honra de servir o vosso paiz, juntando varias vezes as minhas funções de Comisario Britanico ás de Consul Geral interino de Portugal, sobre essa costa da Africa Oriental que os vossos antepassados fóram os primeiros a abrir á civilisação europeia. Ahi tive occasião de admirar os imperciveis monumentos dos vossos grandes navegadores e capitães dos seculos xv e xvi, de aplicar como juiz consular os vossos codigos portuguezes a esses numerosos subditos da vossa nação, que naquellas paragens exercem uma industria e um commercio proveitosos e de formar pelo vosso paiz vivas sympathias, destinadas, estou certo, a tornarem ainda mais agradável o cumprimento da minha nova missão aqui.

Confio que essas sympathias me valerão, a meu turno, as do governo a que V. Ex.^a tão dignamente preside e cujo concurso amigavel desde já me lisonjeia de poder esperar.

E' tambem, senhor Presidente, de todo o meu coração que, ao entregar a V. Ex.^a a minha carta credencial, faço ardentes votos pela felicidade e prosperidades de Portugal e que desejo a este nobre povo de que V. Ex.^a dirige os destinos, um futuro digno do seu glorioso passado.»

O sr. Presidente da Republica respondeu:

Sr. ministro. — E' com o maior prazer que recebo a carta pela qual S. M. o Rei e Imperador, Vosso Augusto Soberano, vos acredita junto do governo da Republica Portugueza, na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

Acabastes de fazer allusão, senhor ministro, ás paginas da historia dos nossos dois paizes e á co-

munidade de interesses e de sympathias, sobre a qual repousam desde o seculo xiv a aliança e estreita amizade entre Portugal e Inglaterra. A meu turno, tenho a maior satisfação em secundar os laços desta velha e solida aliança, fortalecida através os tempos em gloriosos feitos de guerra e no esforço intimo para levar os beneficios da civilisação ás mais afastadas regiões do mundo.

Altivo da sua independencia, encontra-se hoje Portugal, como desde as épocas mais remotas, associado á nação inglesa pelos interesses comuns da obra de expansãõ colonial a que os dois povos ligaram os seus nomes. A nossa aspiração para o futuro será de contribuirmos na medida dos nossos recursos para tornar fecunda esta antiga associação de interesses, colaborando utilmente na obra colossal da nossa grande aliada, que pelo trabalho e intelligencia, pela paz e pela liberdade se assegurou um tão alto logar entre os grandes povos da historia.

As saudações nacionaes, aprouve-vos, senhor ministro, acrescentar uma nota pessoal, lembrando o terdes, em tempos, representado os interesses portuguezes em Zanzibar, sobre essa costa oriental de Africa tão rica ainda dos inolvidaveis monumentos da nossa gloria passada. Ahi haveis prestado a Portugal serviços muito justamente apreciados e ahi formastes a simpatia pessoal que hoje trazeis para o desempenho da vossa missão. Sou particularmente sensivel á expressãõ desses sentimentos e pela minha parte dou-vos a segurança das minhas disposições mais amigaveis e do concurso leal do governo da Republica.

Agradeço vos, senhor ministro, os votos que expressaes pela felicidade de Portugal, e é tambem do fundo do coração que me torno interprete do Povo Portuguez para desejar á Nobre Nação Inglesa a maior somma de glorias e prosperidades.»

Depois de terminada a recepção official, o sr. dr. Manuel d'Arriaga teve demorada e cordeal conversação com sir Artur Harding.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Hong-Kong a Manila por Macau, Castle Peak e Hong-Kong

Com muito bom tempo, largámos de Hong-Kong para Macau, pelas 8 horas da manhã do dia 25 de setembro. Ao passar pelos navios de guerra estrangeiros, tocaram as suas bandas o hymno portuguez e foi-nos feito o signal de boa viagem. Seguimos para Macau com uma velocidade de 13 milhas por hora, fundeando na rada pelas 10,45 a. m. S. ex.^a o governador organisou em nossa honra um passeio a Colovane, no qual tomavam parte as principaes auctoridades e familias de Macau, talvez mais de duzentas pessoas que para ali seguiram na lancha *Macau* e em tres outras lanchas de vapor. A nossa visita a Colovane foi interessante por se verem ali ainda em ruinas muitas casas contra as quaes a lancha *Macau* teve de fazer fogo no seu ataque aos piratas. Fizemos um passeio pelas ruas da povoação e realisaram-se um *lunch* e uma regata de embarcações chinas.

Tivemos noticia de dois tufões que das Filipinas se dirigiam para a costa da China, o que nos obrigou a demorar a nossa partida para ali. O dia 26 amanheceu com chuva, vento e mau aspecto, motivo pelo qual resolvemos deixar a rada para procurar melhor fundeadouro logo que possivel fosse. As 2 horas da tarde vieram para bordo n'uma lancha quatorze presos que a requisição do governador da provincia deve este navio conduzir a Timor e Moçambique. O transbordo da lancha para o navio fez-se com difficuldade n'uma das nossas embarcações e os volumes pesados foi impossivel receberem-se. As 3,30 suspendemos e fomos procurar o abrigo da bahia de Castle Peak, ao norte da ilha de Lantão, o melhor fundeadouro d'esta região, onde ancorámos pelas 6 da tarde em 5 braças de fundo com 45 de amarra.

No dia 27, pelas 2,30 da tarde, suspendemos e seguimos para Hong-Kong onde amarrámos ás 5 horas a uma boia das docas de Kowloon, depois de ter salvado ao almirante americano. Fui agradecer os cumprimentos ao *Tamai*, navio chefe inglez e ao *New York*, americano, a bordo do qual fui convidado a tomar parte n'um «tea» of-

ferecido pelo commandante Lee Jayne a varias horas da colonia americana de Hong-Kong.

Em resposta a um telegramma que dirigi ao padre Algue, director do observatorio de Manila, recebi o seguinte: «Typhoon Northeast Luzon moving Northwest unless changes direction no danger but strong Westerly squalls.» Resolvemos, em vista d'esta communicação, sair de Hong-Kong para Manila no dia 28.

N'esta epocha do anno, fazer a viagem de Hong-Kong para Manila com bom tempo e mar plano, seria muito pouco provavel, como bem diz o roteiro allemão:

«Die Fahrt von Hong-Kong mit südöstlichem Kurs durch das Südchinesische Mer ist sowohl im NO wie im SW Monsun zuweilen des meist von der Seite Kommenden Seeganges wegen umbequem und besonders unruhig in den Zeiten des Monsunwechsels.»

A's 8 horas da manhã de 28, embandeirámos em arco, salvando ao meio dia com 21 tiros, por ser o anniversario de Sua Magestade a Rainha D. Amelia; foi-nos offerecido um lunch no Hong-Kong Club pelo commandante da Estação Naval de Macau e ás 3 horas largámos da boia seguindo para Manila. Apenas saímos do porto, mandámos envergar o panno latino para ajudar a aguentar o navio no balanço provavel e reforçaram-se as peias da artilharia, embarcações, etc. O vento NNE começou a refrescar e o barometro, que durante dias se mantivera alto, a descer. Estas indicações faziam já suppôr que entravamos na area d'uma tempestade rotatoria. Pela meia noite o mar já crescerá muito e o navio, apesar do panno, dava grandes balanços. Como tudo indicava que nos encontravamos no semi-circulo maneavel e que o centro do tufão se achava por bombordo da prôa, não alterámos nunca o nosso rumo de 37° SE. Perto das 3 horas da manhã de 29, partiram-se a carangueja grande e o mastareu. Corri com a pópa ao mar para deminuir o balanço emquanto se peavam os paus e cabos que só ao amanhecer se arriaram; tive medo que, fazendo este serviço de noite, houvesse qualquer desastre. Na manhã de 29 arriou-se o aparelho do mastro grande. O barometro começou a descer mais rapidamente, o mar a cavar-se mais e os aguaceiros a adquirirem uma terrivel violencia. A agua do mar, levantada pelo vento, misturava-se com a chuva, cerrando a atmospheria de tal modo que tinhamos constantemente de apitar. O navio portava-se bem com o mar da alheta, entrando por vezes grande volume d'agua das vagas que batiam contra os reductos das peças de ré. Pelo meio dia, estava o barometro em 742,70 millimetros e calculámos pelo barocyclonometro que o centro se achava pelo travez de bombordo a umas 49 milhas. A partir da 1 hora da tarde, começou o barometro a subir e o tempo a melhorar sensivelmente, rodando o vento para o Sudoeste.

Assim terminou a nossa passagem por este tufão que teve a vantagem de dar aos officiaes e guardas-marinhas uma lição pratica de meteorologia maritima, e o inconveniente de produzir algumas avarias, a mais importante das quaes foi a perda do mastareu grande e a inutilisação temporaria do nosso telegrapho.

O dia 30 amanheceu com fortes aguaceiros do sul e vaga d'esse vento. A's 6 horas avistou-se terra por BB, ás 7,20 conseguiu-se observar o sol, cuja recta d'altura nos fez reconhecer a terra e ratificar a nossa derrota que vinha estimada desde Hong-Kong. Seguindo ao longo da costa oeste de Luzon, sempre com vento sul forte e aguaceiros, passámos ao meio dia duas milhas a oeste do farol Kaponas e demandámos a entrada da bahia de Manila. Poz-se a cunha o antigo mastareu grande. Pelas 3,30 entravamos na bahia. Fizemos ao semaphorico do Corregedor o signal do nome do navio, que foi reconhecido. A's 5,45 entravamos no porto artificial, seguindo uma lancha que estava fóra para nos guiar e ás 6 horas amarravamos a uma boia, com 51 horas de viagem de Hong-Kong, sempre debaixo de mau tempo, mas trazendo uma velocidade media, superior a 12,5 milhas por hora. A esquadra americana, que veio atraz de nós, não pode manter a sua marcha.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

Conde de Penha Garcia

Folgamos de poder noticiar a nossos leitores que o sr. conde de Penha Garcia vae encetar uma grande propaganda em favor das nossas colonias, com uma serie de conferencias no estrangeiro, para onde parte em breve.

Essas conferencias vae realisar-as: a primeira na Universidade de Genebra, a segunda em Bordeaux, a terceira em Paris e a quarta em Berlim ou Bruxellas. Estas conferencias serão acompanhadas de projecções luminosas dos países de que tratam e dos tipos mais característicos ethnograficos.

O sr. conde de Penha Garcia, que tanto se distinguuiu como parlamentar, como por seus estudos financeiros e de direito internacional, o que lhe permitiu o ser ministro da fazenda, em 1906, no gabinete organizado por Luciano de Castro, vae agora revelar uma nova applicação dos seus



CONDE DE PENHA GARCIA

estudos interessando se pelas questões colonias, como de ha muito vem interessando se pela agricultura portugueza, de que é um dos maiores agricultores. Quando do Congresso de Laticinios e Oleicultura, o sr. conde de Penha Garcia apresentou varias teses que mereceram a approvação da douta assembleia, especialmente a tese sobre o credito agricola.

E' desnecessario encarecer a utilidade das conferencias que o sr. conde de Penha Garcia vae agora fazer, o que seria util em todos os tempos e muito mais no presente.

A Guerra Italo-Turca

No dia 3 do mez d'outubro ultimo, a esquadra italiana, sob o commando do almirante Faravelli, iniciou, pelas 2 horas e 45 minutos da tarde, o bombardeamento de Tripoli, onde, em 5, algumas forças de desembarque, ás ordens do capitão Cagni, um dos companheiros do duque dos Abruzzos na famosa expedição polar, occuparam as fortalezas já emmudecidas e a cidade.

O commando em chefe das tropas expedicionarias acha-se confiado ao general Caneva. Occorre perguntar: que razões suscitaram estas hostilidades presentes?

A Italia invocou lhe pretextos, em achar que a

Turquia não civilisa e faz progredir aquella terra d'Africa e assim, vê perigosa a situação dos italianos lá residentes, expostos a ser victimas do fanatismo religioso dos naturaes e queixosos de incorrecções e grosserias vexatorias, que abrangem mesmo o elemento investido em caracter de representação official.

Eu, tenho de mim para mim, ao querer classificar o caso, que não andará distante d'esta philosophia, contida em livro de Jean Grave (*A Sociedade Moribunda e a Anarquia*, traductora Lucinda Tavares) a explicação do verdadeiro pretexto:

«A colonização... produto híbrido do patriotismo e mercantilismo combinados, bandoleirismo e roubo á mão armada para uso dos dirigentes.»

E' claro que estou muito longe de pretender capitular com semelhante epitheto a italianos e turcos; entretanto, devo confessar que Tripoli, dominado pelo crescente ou por symbolo tricolôr, não deixa de ser dominado, nem fica restituído ao direito legitimo originario.

Tripoli (*Histoire de l'Empire Ottoman*, depuis les origines jusqu'au traité de Berlin, par le V. A. de la Jonquière, Paris, 1881) figura na categoria de uma das divisões administrativas do imperio turco, «vilayete» isto é, provincia Cortambert, no *Cours de Géographie*, 15.ª edição, Paris, 1879, descreveu com tal mão de mestre, em resumo politico, a região, objecto e theatro da actual contenda, que não resisto a transcrevê-lo e não me atrevo a traduzil-o, certo de que, por este modo, melhor poderão os leitores apreciar-lhe o colorido typico da phrase clara e instructiva:

«RÉGENCE DE TRIPOLI. — La régence de Tripoli, gouvernée par un pacha qui reconnaît la suzeraineté de la Turquie, s'étend depuis l'Égypte jusqu'au voisinage du golfe de Cabès. Le golfe de la Sidre y fait une profonde échancrure, vers le milieu de la côte.

C'est la plus grande et en même temps la moins peuplée des divisions de la Barbarie: on y compte à peine 80000 habitants, sur une étendue qui est presque deux fois celle de la France.

Cette régence est partagée en quatre parties.

Au N., est le Tripoli proprement dit. On y remarque la ville maritime de TRIPOLI, capitale de la régence, peuplée de 30000 hab.

A l'E., se trouve le gouvernement de *Benghazy*, qui correspond à peu près à la *Libye Maritime* ou *Extérieure* des anciens; la partie principale et la moins aride de cette contrée est au N., vers la mer: c'est là qu'était la *Cyrénaïque* ou *Libye Pentapole*: on y distingue la ville de *Derne*, celle de *Curin* (avec les belles ruines de *Cyrène*), et celle de *Benghazy* ou *Berniq* (anciennement *Bérénice*), près de laquelle était, disait-on, le Jardin des Hespérides. — Dans le S., est le désert de *Barcah*, avec l'importante oasis d'*Audjelah*.

Dans le S. de la régence, est le *Fezzan*, gouverné par un sultan tributaire du pacha de Tripoli; et presque de tous côtés environné d'affreux déserts. Il a pour capitale *Mourzouk*, rendez-vous de nombreuses caravanes. La vallée d'*Aberdoudy* a été, en 1869, le théâtre de l'assassinat de la célèbre voyageuse Alexina Tinné par des Touareg et des Arabes. Ce pays est l'ancienne *Phazania*, habitée par les Garamantes.

A l'O., enfin, on voit l'oasis de *Ghadamès* ou *Rédamès*, avec une ville du même nom, remarquable par l'activité commerciale de ses habitants, et grand rendez-vous de caravanes.»

Eis a prêsã disputada com calor e em virtude da posse da qual, mais de 50:000 homens do exercito de Italia se encontram em armas e travam combates com o turco, aparentemente abattido, visto haver sido facil aos italianos a tomada de Tripoli e o desembarque sequente, a ponto que das primeiras refregas apenas sahio ferido o official de marinha Biscaretti.

A Allemanha parece ter ensaiado entabolação officiosa de pacificação, que não vingou ainda, e em que se empenhou e continúa empenhado o proprio kaiser.

E' ensejo de aqui inserir uma palavra sonora: Agadir! Não teria a scena de fresca data, no porto da historica localidade, insinuado no animo



italiano a ideia da conquista, por ventura provocada por circunstancias internas de ordem economica, a impôr necessaria soluçõ de expansibilidade?

A emigraçõ da Italia tem-se revelado e revela-se por cifra enorme. Nas Americas, contam-se aos milhões os filhos da bella peninsula mediterranea, que por mais de uma vez accentuou pleno ascendimento no concerto do mundo.

Antes do bombardeamento levado a effeito em 3 d'outubro trocaram-se notas e correspondencias officiaes entre a Italia e a Turquia. Esta naçõ em resposta a um *ultimatum* d'aquella, expediu um documento em que se lê este periodo incisivo:

«Se não proceder a acto de tanta gravidade, como seja occupaçõ militar, o



governo real encontrarã a Sublime Porta no proposito assente de liquidar e harmonisar o conflicto levantado.»

Vê-se, porém, que a guerra fõ meio e recurso escolhido, preferentemente, e que de nada serve á humanidade o caminhar, a esta hora do tempo, na face peripherica definida em seculo xx!

«Quando largamos de Tripoli para nos entranhar no interior do paiz, escreve Edmond Bernet em artigo, inserto na *L'Illustration*, n.º 3581, correspondente ao dia 14 d'outubro d'este anno, somos impressionados por um spectaculo de incomparavel tristeza: perde-se o olhar, em deserto immenso de areia branca, estendido até o horizonte extremo.

Se se avança na direcçõ



A GUERRA ITALO-TURCA—TRIPOLI—O POSTO DE BOU-MILIAN OCUPADO PELOS MARINHEIROS ITALIANOS—A BANDEIRA ITALIANA ARVORADA NA CIDADE—O ESTADO-MAIOR DA ESQUADRA ITALIANA ENTRANDO NO ANTIGO CASTELO DOS GOVERNADORES TURCOS—(Da *Illustrazione*)

sul, depois de 80 kilometros de percurso, por estradas, attingimos á raiz de um rochedo agreste, de 300 metros de altura, que domina a planície e lembra um baluarte insuperavel, em defesa do paiz. Um caminho em zig-zag vence esta difficuldade e deixa o viajante que se dirige para «Nalout, em condições de seguir nas pisadas das caravanas que se desenham no cume do rochedo.

Ali existem «oasis», e fortalezas que defendem a approximação d'esta respeitavel muralha natural, nos sitios onde recortes formados por largas fendas permittiriam accesso facil para o «platô» superior.

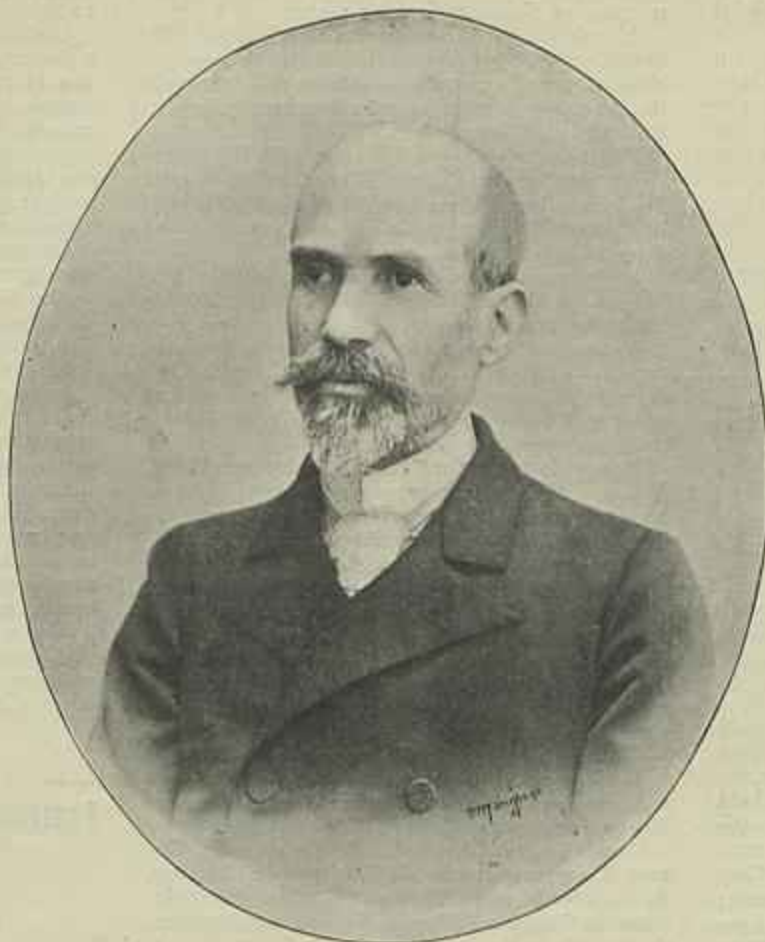
As máis importantes de taes fortalezas são as de «Gariana» e de «Ksar Iffren», com uma guarnição de 1:500 a 2:000 homens.

Debaixo do aspecto militar a posição é quasi invencivel, e qualquer tentativa contra ellas torna-se difficil, por isso que a sua construcção em rocha não as deixa divisar de longe.

O rochedo affronta o paiz inteiro, e a partir do sul de Tripoli até á fronteira da Tunisia, prolonga-se mais ou menos em linha parallela com o mar.

As aldeias que se encontram, em geral, são constituidas por habitações abertas na mesma rocha; o que imprime ao terreno percorrido a feição de paiz de trogloditas. De distancia a distancia, surgem ruinas antigas, recordações da conquista romana, ou restos do esplendor «berbére».

No momento actual a miseria é immensa e o governo turco, para evitar a fome, distribue provisões de bôca aos indigenas. Excepto nos «oasis», á beira de poços, cuja agua tem por



DR. FRANCISCO GOMES TEIXEIRA

Reitor da Universidade do Porto inaugurada em 1 do corrente

vezes um tom amarellado e só hervas sêcas cobrem o solo.

Do rochedo, a vista alarga-se para o norte sobre uma extensissima planície deserta, semeada de pedras, desdobrando-se até o mar.

O paiz tripolitano em todos os logares que eu atravessei durante a minha viagem para a «Ghadamés» impressiona principalmente pela aridez e pelos amplos horizontes monotonos que se descortinam para todos os lados. Vegetação pouco menos do que nulla, desertos plenos de areia, rios enclutidos: eis o que nos é dado contemplar na longa marcha das caravanas, e, tambem, pobres aldeias excavadas no rochedo e alguns «oasis» com palmares.

Para além de «Nalout», quando nós entramos a valer em direcção ao sul, a fim de alcançar a cidade santa de Ghadamés, não ha mais do que deserto, sahariano, em completa e branca immobildade, sob os raios do sol.»

E' indubitavel que similhante paiz aguarda por emquanto a hora de sahir do estado ru'de para o brilho progressivo de policiamento civilizador, que a Turquia não lhe insuffou ainda; mas, logrará outra potencia emprenhender e levar a bom termo a tarefa educativa de humanidade e de politica economica, orientada em sentido libertador e de emancipação autonomia, que haja de transformar a Tripolitana, mais tarde, em aliada segura e cooperadora de riqueza?

Infelizmente, o sangue está correndo, mães amaldiçoarão talvez, agora mesmo, os impulsos de amor e os estímulos genesicos, e novas ambições, grandiosos sonhos de posse, occultos



NAS FRONTEIRAS DE PORTUGAL — MONTALEGRE

manejos e anhelos de engrandecimento fermentam e pronunciam surpresas espantosas, conluios diplomaticos de registo assombroso.

Aqui termino esta minha prosa insipida, em relação ao grave acontecimento occorrente. Não me occupo senão de léve, da lucta armada, por me repugnar todos os quadros d'esse genero, em que o péso de circumstancias irremovíveis não impõe a dignidade de cidadãos e de povos a defesa dos seus direitos ou a implantação de instituições melhores.

D. FRANCISCO DE NORONHA*



Inauguração da Universidade do Porto

O reitor dr. Francisco Gomes Teixeira

Com a visita á cidade do Porto do ministro do fomento, sr. dr. Sidonio Paes, teve lugar a inauguração da Universidade, a que o mesmo sr. ministro foi assistir, o que se realisou no dia 1 do corrente.

A sessão inaugural, que se verificou na sala de biblioteca da Academia Politecnica, presidiu o sr. ministro do fomento, a convite do sr. dr. Gomes Teixeira, reitor da Universidade. A esta sessão compareceram os srs. drs. Rodrigo Rodrigues, governador civil, e Xavier Esteves, presidente do municipio, assistindo tambem o sr. Carlos Calixto, secretario do sr. ministro do fomento; dr. Severiano José da Silva; dr. Antonio Luis Gomes; dr. Nunes da Ponte; director do Instituto Industrial e Commercial do Porto; presidente do Tribunal da Relação; reitores dos liceus *Alexandre Herculano* e *Rodrigues de Freitas*, vereadores, representantes do Centro Commercial do Porto, da Associação Industrial Portuense, etc. Compareceram muitos estudantes das escolas do Porto e muitas senhoras abrilhantaram esta reunião com a sua presença.

O sr. dr. Gomes Teixeira, na sua qualidade de reitor daquella Universidade, fez um discurso adequado ao acto, principiando por agradecer ao representante do governo, a sua nomeação para aquelle logar, congratulando-se por vêr ali presente o sr. ministro do fomento e, em nome da Universidade que rege, lembra a construção de um edificio destinado ao Instituto Industrial e Commercial, affim de que removendo-o para elle, se possa completar o edificio central da Universidade, completando os laboratorios da Faculdade de Ciencias, assim como a criação de uma Faculdade de Ciencias Tecnicas, como ha na Alemanha e outros países.

O sr. ministro do fomento respondeu ao sr. dr. Gomes Teixeira, dizendo que muito se honrava por presidir á abertura daquella Universidade, declarando quanto o governo está no firme proposito de tratar da regeneração do ensino, principiando pela instrução primaria.

Outros discursos se seguiram pelos srs. dr. Candido de Pinho e dr. Ferreira da Silva que diserta largamente sobre a importancia e necessidade dos estudos das ciencias, para beneficio da humanidade que lhe deve todos os seus progressos.

Foi uma brilhante sessão, que o sr. ministro do fomento encerrou levantando vivas á Republica e á Universidade do Porto, correspondidos pelo seléto auditorio.

A criação desta Universidade obedeceu ao plano do governo de dotar o país com mais duas Universidades, sendo uma em Lisboa, outra no Porto, além da existente em Coimbra.

Para reitor da Universidade do Porto, foi nomeado o sr. dr. Francisco Gomes Teixeira, nomeação que não podia ser mais acertada, pela alta competencia do nomeado, um dos cientistas mais notaveis do nosso país.

O dr. Gomes Teixeira é o primeiro matematico da Peninsula, como tal reputado no estrangeiro, onde são altamente considerados os seus trabalhos de analyse e de geometria, publicados em francès, nas principaes revistas da especialidade, de sociedades scientificas, taes como: *Mémoires de la Société des Sciences de Bordeaux*, *Giornal di Matematiche diretto dal G. Battaglini*; *Journal de Mathématiques pures et appliquées de Liouville*; *Comptes rendus de l'Académie des Sciences de Paris*; *Bulletins de l'Académie royale de Belgique*; *Annales de la Société*

scientifique de Bruxelles; *Mémoires de la Société royale des Sciences de Liège*, etc.

A publicação do seu *Journal de Ciencias Mathematicas e Astronomicas*, tem feito mais conhecido, no mundo científico, o nosso país e servido de incentivo á manifestação de novos e dedicados cientistas portugueses.

No concurso aberto em 1897 pela Real Academia de Ciencias Exactas, Fisicas e Naturaes de Madrid, sobre o tema — *Curvas Geometricas*, o dr. Gomes Teixeira, que a elle concorreu, obteve o premio de 1:500 pesetas.

Muito mais poderíamos innumerar sobre os trabalhos do illustre cientista, se o espaço não fôra limitado para o fazer.

A sua individualidade distinguio-se desde os cursos da Universidade de Coimbra, que lhe conferiu os primeiros premios, com o maximo de 20 valores, classificação até ali não concedida a nenhum outro estudante.

Nomeado professor da Universidade de Coimbra, em 1876, requereu, em 1883, transferencia para a Academia Politecnica do Porto, o que lhe foi concedido com o concenso unanime do conselho da mesma Academia.

A sua obra — *Tratado de calculo infinitesimal*, publicado em 1896-97, tem merecido as mais apreciaveis referencias, no país e no estrangeiro, onde o professor James Pierpout, da Universidade de Jale (Canadá), o classifica de admiravel, no *American Journal of the American Mathematical Society*.

E' este o reitor da Universidade do Porto, o qual conta quasi 61 annos de idade, pois nasceu a 28 de janeiro de 1851, em S. Cosmado, concelho de Armamar.

Com tão grande cabedal de ciencia o dr. Gomes Teixeira é socio do Instituto de Coimbra, da Academia das Ciencias de Lisboa, da Sociedade de Ciencias Fisicas e Naturaes de Bordeus, da Sociedade Real de Ciencias de Liege, da Sociedade Cientifica de Bruxellas, etc., etc.



Nas fronteiras de Portugal

Montalegre

Foi este um dos pontos da fronteira portugueza tambem ameaçado pela incursão dos conspiradores e por esse motivo occupado por tropas do governo.

Montalegre é uma das vilas da provincia de Traz-os-Montes mais proximas da fronteira de Galiza, donde dista apenas uns 5 kilometros. Situada em 41° 52' de latitude boreal e 10° de longitude do meridiano de Paris, dista 360 kilometros de Lisboa, 60 de Braga na direção de N. E. a S. O. da Praça de Chaves. Está assente sobre uma colina, na margem esquerda do rio Cávado, dominada por uma cadeia de montes com suas florestas e a uma altitude consideravel de aproximadamente 1:000 metros.

E' povoação antiquissima e, talvez anterior ao dominio dos romanos, pois numas escavações que ali se fizeram no seculo xviii, no *Outeiro Lezénho*, ou *Luzenho*, perto da vila, fôram encontradas duas estatuas de guerreiros muito toscamente cinzeladas, seguramente anteriores aos romanos, mais parecendo obra dos lusitanos ou fenicios. Tambem não se encontra documento de quando fôsse feita vila e, só pelo seu pelourinho, que tem as armas de D. Sancho I, se pôde inferir que fôsse este monarca que a elevasse áquella categoria, no seculo xii. Entretanto no foral que D. Diniz lhe deu em 1325, se faz menção de outro que lhe foi dado por D. Afonso III pelos annos de 1246.

Faria e Sousa, no seu *Epitome de Historia Portugueza*, referindo-se á vida de D. João I, entre os annos de 1357 a 1415, diz, que além de outras terras principaes do reino, a vila de Montalegre já estava pelo partido do rei de Castella.

Houve tempo em que esta vila foi praça de armas, cuja guarnição residia com o governador no seu castello.

Este castello está edificado ao N. da vila, em uma colina dominando o rio Cávado. Compõe-se de quatro torres e é cercado de duas muralhas com seus fossos, que o tempo tem demolido.

Ao N. da vila ha duas pontes lançadas sobre o Cávado, por onde correm duas estradas que conduzem ás terras fronteiras de Galiza.

A comarca de Montalegre divide-se em dois concelhos: o de Montalegre com 35 paróquias,

3:500 fogos e 18:000 habitantes; o de Boticas com 16 paróquias, 2:040 fogos e 10:000 habitantes.

O seu clima, muito frio, chegando muitas vezes a descer a 5° de Réaumur, não lhe permite grandes culturas, sendo as mais importantes as de centeio, milho e linho, tendo comtudo bastante criação de gado vacum, cavalari e muar. Tem em compensação, minas de ouro, ametistas, cristal, em tempos exploradas, mas ao presente abandonadas; assim como aguas mineraes, que de resto abundam por todo o país.

Os seus melhores edificios são o da Camara e de algumas egrejas, porque o geral de suas abitações são de uma rude construção e de ordinario cobertas de colmo.

A unica casa nobre que tem é a do Cerrado, solar dos Mirandas, descendentes de uma familia que veiu de França e acompanhou o conde D. Henrique na conquista de Portugal, e a quem este deu em recompensa de seus serviços Miranda do Douro, donde lhe provém o nome.

Desta familia proveiu o tronco de muitos homens illustres, uns por servirem na côrte, outros por cargos publicos, entre os quaes se contam: os capitães-môres — Aleixo de Miranda, em 1656; Simão de Miranda, em 1691; Sebastião de Miranda, em 1715; e Sebastião José de Miranda Ataíde e Mello, que foi o ultimo.

E' quanto ha a relatar de mais importante com respeito á vila de Montalegre, que os ultimos acontecimentos vieram pôr em fóco.



O convento das Francesinhas e a sua fundadora

(Continuado do numero 1181)

V

Obtida a sentença de nulidade do matrimonio, não tardou o processo de divorcio e separação de pessoas e bens, para o que D. Maria Francisca de Saboya nomeou o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, seu procurador. Este processo correu depressa, de modo que a 24 de março de 1668 era confirmada a sentença de nulidade do matrimonio por incapacidade fisica de D. Afonso VI, dando aos dois esposos a liberdade de disporem de suas pessoas como entendessem, devendo fazer-se a divisão de seus bens, conforme as escrituras de casamento.

Ao mesmo tempo que estes processos seguiram seus tramites, proseguia a intriga da côrte, tendo por principal instigador o infante D. Pedro, para convencer seu irmão a declinar o governo do reino, na pessoa do infante, o que este afinal alcançou a 22 de novembro de 1667, isto é, seis dias depois da sahida da rainha para o convento.

E' facil avaliar a situação em que o pobre D. Afonso VI se encontrou, no meio destes lances, vendo-se abandonado pela mulher, privado dos seus ministros, muito principalmente o conde de Castelo Melhor, seu maior amigo, e por fim enredado pelos cortezaes para abandonar o poder.

Foi assim que D. Afonso VI se recolheu a um quarto do palacio, por já não se poder haver no meio de tanta intriga, alcançando deste modo o infante D. Pedro o fim que ambicionava, de ser o regente do reino, o que lhe foi confirmado pelas côrtes, reunidas em 1 de janeiro de 1668.

D. Afonso VI perdia a mulher e perdia a corôa, exactamente o contrario de seu irmão, que alcançava uma e outra, e se logo não fez uso desta ultima, limitando-se ao titulo de príncipe regente, foi por uns restos de pudor, pois o clero, nobresa e povo o instaram para tomar o titulo de rei, sendo comtudo jurado herdeiro do trono.

D. Maria Francisca de Saboya, no meio da sua temporaria clausura, porventura muito entregue ás coisas de Deus, mas com muitos maiores cuidados nas coisas do mundo, não se cançou de instar com o seu querido D. Pedro, para se fazer aclamar rei, elle, porém, não transigiu, mas em compensação tratou de abreviar o casamento com a enclausurada, uma vez que ella podia dispôr de sua pessoa e aos dois lhes não sobrava vergonha para o fazerem, a tão breve trecho e nas barbas do pobre rei divorciado e destronado.

E' curioso analisar toda a hipocrisia que se desenvolveu para este casamento, em que não faltaram farçantes a dourar a pilula.

D. Maria Francisca Isabel de Saboya, fingia querer-se retirar para França mediante a entrega do dote que lhe pertencia, como não se esquecera de o pedir, na carta dirigida a seu marido

(transcrita no capítulo precedente) dizendo: «por justissima dar-me o meu dote...», porque, emfim, amigos amigos, negocios á parte, não obstante, na mesma carta dizer: «amallo e servillo...»

Convenientemente propalada a suposta resolução em que a ex-rainha estava, houve nas côrtes quem levantasse a questão de conveniencia da mesma rainha desposar o principe regente, atendendo assim não só a evitar a entrega do dote, mas ainda a necessidade de dar successor ao trono, que se encontrava sem successão. Descutiu-se o caso, ou melhor aprovou-se o alvitre, sem que ninguém levantasse a questão da moralidade, que pelos modos não brigava com as consciencias, e até o proprio senado de Lisboa se empenhou com o principe D. Pedro e sua cunhada para acederem a casar-se.

Então D. Pedro houve por bem aceder aos desejos do seu povo, mostrando-se conforme á vontade de Deus e ao bem do reino. D. Maria Francisca da mesma fórma, e para não desmanchar prazeres, visto que o desejo do povo, como se dizia na consulta que lhe dirigiu o senado, era tãl-a por sua Senhora e Rainha, acedia tambem: «obrigada do afeto que devia aos portuguezes e das razões politicas do país, e que se ajustaria ao que parecesse mais justificado e de maior utilidade ao bem comum.»

Foi o marquês de Nisa, D. Vasco Luis da Gama, e D. Rodrigo de Meneses, que, por parte do principe D. Pedro, trataram do casamento. D. Maria Francisca de Saboya, encarregou para o mesmo fim, ao duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, e o marquês de Marialva, D. Antonio Luis de Meneses. Ao mesmo tempo interviram neste negocio os padres jesuitas Luis de Verjus e Francisco Villes, e com tão bons procuradores, se resolveu depressa o processo, obtendo um breve em nome do papa Clemente IX para se realizar o casamento requerido, breve que depois foi confirmado por outro do mesmo papa, em 10 de dezembro daquelle anno, quando os nubentes já se haviam casado, a 2 de abril, isto é, oito dias depois de confirmada a sentença de divorcio!

Ninguém poderá, neste processo, acusar as justicias de suas costumadas delongas, e antes terá de notar a fórma tumultuaria por que o mesmo seria feito.

Para não perder tempo, este casamento se fez sem ser anunciado e sem o menor aparato ou ceremonial da côrte; fez-se á capucha, quasi em segredo. Limitou-se ao principe D. Pedro ir, num coche, ao convento da Esperança buscar a sua noiva... a qual logo se apresentou, e tomando logar no dito coche, seguiram os dois para o palacio de Alcantara, onde, na capella particular, os recebeu o bispo de Targa, o mesmo que sete mezes antes havia abençoado o casamento de D. Maria Francisca Isabel de Saboya com D. Affonso VI.

Como tudo isto é irrisorio!

(Continua.)

C. A.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1182)

De tempos a tempos, um de nós chegava até ao fundo das escadas, e via como o mar, que havia invadido a parte baixa da casa, banhava com as suas aguas verde-negras, todos os corredores e galerias, ou batia contra os degrãos que davam para a sala grande, ameaçando a subir até ao sitio onde estavamos refugiados.

Não havia duvida que as portas de ferro o continham, e o talento de Czerny foi mais uma vez revelado n'esta sua disposição. As grandes portas que separavam a parte baixa das habitações superiores da casa submarina, eram mais solidas que a comporta de um dique para consentirem que a agua avançasse.

Estavamos senhores da parte mais elevada e, portanto não tinhamos nada a recear. O caso era não faltarem as provisões.

Mal rompeu o dia miss Ruth veio ter com a gente, falando com respeito á manhã, cheia de tanta animação e com tanto descanço pelo presente, que nos fez esquecer completamente tudo, a ponto de cobrarmos novamente o volar perdido.

— Não voltam esta noite, Jasper — disse ella. — Por que esperarão? Terá occorrido alguma coisa extraordinaria, ou irão deixarnos em descanço? Ha uma hora que penso n'isso e parece que o estou vendo. As coisas vão a peor em vez de melhorarem. O furacão deve rebentar por ahi ao amanhecer e depois poderemos então ir até á ilha os dois, não é verdade, Jasper?

— Miss Ruth — respondi — se assim succeder, será o dia mais feliz de toda a minha vida. Miss Ruth traz sempre comsigo a alvorada. Onde quer que vá, vae a luz comsigo e o azul dos céos. Para mim nasceu o dia desde o momento em que escutei a sua voz, e quando lhe perguntei em que podia servir-a.

Não me respondeu; mas para confirmar o que eu dizia, começou a apparecer do lado do Oriente uma nesgashinha de luz gris, que dilatando-se pouco a pouco pelo céu, encheu de tons brilhantes os valles e montes da ilha, o mar e a terra, as cristas das ondas que vinham quebrar-se nos cachopos e toda a parte do Occidente.

Então estendi os braços para aquella luz que me inundava a alma d'um prazer enorme, e bradei:

— Graças a Deus! Eis finalmente o sol!

A fresca brisa vindo do mar veio confirmar as minhas palavras.

No grande Pacifico, o dia nasce rapidamente e mal vimos aquella luz gris e já todo aquelle enorme lençol d'agua se encontrava illuminado, podendo então distinguir perfeitamente os botes de Czerny, as ondas e o recife.

Observando tudo repentinamente, soltamos um grito de espanto.

— O yacht levantou ferro?!...

Era verdade.

Lá adiante, onde ao pôr do sol, tinhamos visto o barco ancorado, agora, ao nascer do dia, não se via vestigios de tal barco.

A escuridão da noite tinha sido a aliada dos sequazes de Czerny, e ajudara este a fugir para algum porto desconhecido onde não pudesse chegar a vingança dos piratas. Aproveitara aquelle negrume para assim burlar os seus cumplices.

Os botes, para ali ficavam á mercê das ondas e o mar começava a brincar com elles, enquanto a fome e a sede se apoderava dos corpos dos criminosos.

Estes nada faziam para occultar-nos a sua terrivel situação.

Por certo que o desaparecimento de seu amo era um golpe fatal para elles e não seria facil restar-lhes animo para exporem a vida a defender os interesses do homem que os havia trahido.

Voltar-se-iam para nós afim de merecerem a nossa compaixão?

Não sabiamos.

Pela parte que nos dizia respeito a nossa situação pouco differia da d'elles, desamparados como estavamos n'aquelle logar, expostos como elles á fome e á sede, o que era o mesmo que dizer, á morte.

Acceitariam resignados a sua sorte, sem intentarem um novo assalto á casa submarina?

Arrastados pela necessidade, não duvidamos que tratassem de se apoderar das rochas, refugio onde poderiam encontrar alguma esperança de vida.

(Continua.)

RICARDO DE SOUZA.

PELOS TEATROS

Apólo

Cansados já de admirarmos em traduções mais ou menos correctas o que de interessante e bello se tem produzido no estrangeiro, é-nos extremamente consoladór saber que entre a nossa diminuta produção teatral apparecem de vez em quando algumas obras de innegavel valór que glorificam nomes já de ha muito consagrados.

Romances, peças de teatro, música, tudo nós importamos em larga escala do estrangeiro, sobretudo da França, e essa tendencia para tudo quanto é de fóra leva-nos a esquecer as maravilhas e os encantos infinitos que encontraríamos na nossa terra, na poesia das nossas paisagens, no nosso céu, de um azul tão puro, na natureza exuberante deste pequeno canto da Europa onde se acoita ainda um resto de sentimento tão elevado, tão característico em portuguezes.

E' ainda nas camadas baixas da sociedade, incultas e inconscientes, onde se póde encontrar esse sentimento de nacionalidade que nas classes elevadas quasi que já não existe.

E' ali que elle se póde encontrar observando-as na sua vida intima, compreendendo as suas dôres e as suas alegrias.

Foi o que fez Eduardo Schwalbach, um mestre, um observador perspicaz a quem são bem merecidos os elogios sinceros que todos lhe tributam.

Ao passo que nalgumas peças marca com um ferro em braza certos costumes usados na alta sociedade, passeando o seu espirito esclarecido em salões doirados onde, entre rendas de Irlanda e perfumes orientaes, pairam germens de pensamentos maus, elle sabe tambem transpór o limiar dessas habitações sem fausto e sem luxo, onde a vida é menos ficticia e se desenvolvem ásvezes dramas pungentissimos, onde existem tambem almas perversas capazes dos peores actos.

Para elle é a virtude e a abnegação que tem o premio e a contrastar com personagens da peor indole, dá-nos creaturas encantadoras de doçura, de amor e de sacrificio.

No *Chico das pegas* encontram-se tres actos em que se reproduzem scenas palpaveis da vida lisboeta, da mais absoluta realidade.

Está a opereta tratada com o esmero peculiar a Schwalbach, bem movimentada e por fórma a manter o espirito do público sempre bem disposto, visto que não o deixa impressionar por muito tempo com a acção dramatica da peça, que só no 3.º acto se desenvolve.

«Está bem tudo o que acaba bem» e assim o espectador sae satisfeito levando consigo a recordação de uma bela peça portugueza em que lhe pareceu ouvir repetir, como num sonho, alguns acordes de uma canção popular que tivesse ouvido ha muitos annos a algum trovador, paladino do sentimento nacional.

E' a Filipe Duarte que se devem esses pedaços de música dolente e típica.

Nos interpretes encontrou Schwalbach excellentes cooperadores que com o seu trabalho consciencioso muito contribuíram para que a sua peça se salientasse de uma fórma tão brilhante.

Amélia Pereira no papel de Esperança demonstrou bem as suas qualidades como actriz, mostrando-se ao mesmo tempo simples, amorosa, dedicada e sentimental.

Ilda Ferreira vae bem no seu papel de Angelica.

Machado, Nascimento e Alegirim apresentam-nos personagens característicos.

Em resumo, o conjunto é bom e quizeramos que peças desta natureza se reproduzissem para que o nosso teatro saísse da letargia em que se encontra, e os autores encontrassem um premio justo para as suas canceiras quando ellas o merecessem.

Trindade

Muito se tem afeiçoado o nosso público ás operetas do genero do *Amor de Principe*, da *Viuva Alegre*, etc. e isto justifica-se pelas delicadas paginas musicaes que algumas dellas possuem e tambem pela originalidade dos seus entrecchos.

No teatro da Trinidade alia-se ao regular desempenho a primorosa execução da orquestra habilmente dirigida por Filgueiras.

Palmira Bastos, como artista principal, apre-



O DOLMEN DA PEDRA DE ARCA, EM PARANHO, SERRA DO CARAMULO

senta-nos a correcção do seu trabalho que bem merece aplausos porque ella sabe dar a todos os seus papeis um cunho verdadeiro e real que mais lhe faz sobressair os predicados que a tornam uma figura de destaque no nosso meio teatral.

República

E' incontestavelmente este um dos nossos melhores teatros. Ali se encontram reunidos os nossos grandes actores e a Arte tem ali o seu templo mais sumptuoso, os seus idolos e as suas divindades.

Por elle têm passado todos aquelles que souberam atingir os pincares da glória e as mais belas flôres do estilo ali se têm espalhado, reproduzindo as ideis mais nobres, os conceitos mais elevados, registando, criticando, condenando e aplaudindo factos da vida social.

Póde a Empresa deste teatro orgulhar-se legitimamente por ter coseguido um elenco tão selecto como os destes ultimos annos. Tambem estou certo de que o público saberá corresponder de vidamente a esses esforços que tendem só para levantar o teatro português.

A par de traduções das peças que lá fóra têm obtido renome alguns belos originaes portuguezes ali se têm representado como o *Envelhecer* de Marcelino de Mesquita, peça já conhecida em que este *bel-esprit* nos desenrola scenas de palpitante interesse e trata com proficiência um assunto que se baseia no amôr, numa das suas manifestações expontaneas, incoerentes, tiránicas, opressoras.

E essas páginas d'oiro têm cravadas as mais belas pedras preciosas que representam o trabalho maravilhoso de Brazão, Ferreira da Silva e Emilia d'Oliveira.

Avenida

A companhia que está atualmente neste teatro tem um actor que possui aptidões para empolgar a assistencia e fazer-lhe esquecer deficiencias que porventura possa encontrar nos restantes. E' José Ricardo.

Elle dá-nos o mais flagrante contraste nas duas zarzuelas adaptadas á scena portugueza com os nomes *Mancheia de rosas* e *Dôr de cotovelo*. A primeira de scenas dramaticas em que elle desempenha o difficil papel de Guedelhas e a segunda de scenas cómicas em que nos apresenta um hilariante personagem.

Adriana de Noronha, Jaime Silva e os mais desempenham bem os papeis a seu cargo.

7-11-1911.

A. N.

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar

SAPATARIA PORTUGAL

DE

A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSE

LABOZ PECTORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.^a, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldas peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizax por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis
Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis